

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NAS HUMANIDADES

REFLEXÕES DIDÁTICAS

ANA R. LUÍS
ADÉLIA NUNES
CRISTINA MELLO
JUDITE CARECHO
ANA ISABEL RIBEIRO
(COORDS.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

ANA MARIA CORTEZ VAZ

orcid.org/0000-0002-7031-7236

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/CEGOT

MARIA JOSÉ REIS

orcid.org/0000-0001-8709-1213

Escola Secundária de José Falcão, Coimbra

ADÉLIA NOBRE NUNES

orcid.org/0000-0001-8665-4459

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/CEGOT

FÁTIMA VELEZ DE CASTRO

orcid.org/0000-0003-3927-0748

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/CEGOT

**A MÚSICA COMO RECURSO NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA – APLICAÇÃO
À TEMÁTICA ‘MOBILIDADE DA POPULAÇÃO’**

**THE MUSIC AS A RESOURCE FOR THE TEACHING
AND LEARNING OF GEOGRAPHY BASED ON THE
THEME 'MOBILITY OF THE POPULATION'**

RESUMO: No presente trabalho pretende-se discutir a importância da música, arte tão próxima do quotidiano dos alunos, como recurso e estratégia facilitadora do processo de ensino/aprendizagem em Geografia. Para o efeito explorou-se, em contexto de sala de aula, a canção “Para os braços da minha Mãe” da autoria de Pedro Abrunhosa, no subtema ‘A população: evolução e diferenças regionais’, especificamente no que se refere aos ‘Movimentos Migratórios’, temáticas presentes no programa curricular de Geografia A, do 10.º ano de escolaridade. Os resultados mostram a música como um instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem, no sentido em que promoveu a interação e a partilha de saberes e de experiências entre alunos/professor e estimulou a construção de uma visão crítica das realidades geográficas.

Palavras-Chave: música, ensino/aprendizagem, movimentos migratórios, Geografia

ABSTRACT: The present work aims to discuss the importance of music, art so close to students' everyday life, as a resource and strategy of teaching/learning process in Geography. For this purpose, the song "Para os braços da minha Mãe" by Pedro Abruñhosa was explored in the classroom context, under the subject 'Population: evolution and regional differences', specifically with regard to 'Movements Migratory', thematic present in the curriculum of Geography A, in 10th year students. The results show that music is an interesting instrument, facilitating the teaching-learning process, in the sense that it promoted the interaction and sharing of knowledge and experiences between students/teacher and stimulated the construction of a critical view of the geographical realities.

Key-words: music, teaching/learning process, migratory movements, Geography

1. Inovar no processo de ensino-aprendizagem em Geografia – Um desafio

A sociedade vive, na atualidade, um profundo processo de mudança, alicerçado no desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação. Esta nova sociedade, que emergiu nos finais do séc. XX, a sociedade da informação e do conhecimento, apresenta novas características, novas limitações e novos interesses, exigindo à escola novos desafios. Cabe, assim, à escola renovar/ reinventar recursos pedagógicos que consigam cativar e motivar os alunos para a aprendizagem, de modo a formar cidadãos dotados de competências que permitam superar os desafios da sociedade atual e que lhes facultem a sua efetiva e plena integração enquanto cidadãos.

A internet democratizou o acesso a todo o género de informação e a de cariz geográfico não foi exceção, constituindo-se, assim, como força equalizadora do espaço mundial, contribuindo, de forma indelével, para a perceção e construção de um 'mundo plano', segundo Friedman (2010). O mesmo autor defende que o mundo está a ficar plano numa perspetiva económica, uma vez que a localização deixou de ter importância, a mobilidade e os fluxos são cada vez maiores e mais rápidos, e, hoje em dia, tudo está acessível a partir de qualquer ponto. Todavia, para a identidade de um povo, de uma nação, é fundamental o reconhecimento da importância da sua matriz territorial. Assim, para a Geografia, a localização é fulcral, estar no lugar A não é igual a estar em A'. A localização importa e diferencia (Vaz, 2011).

Esta nova realidade impõe a necessidade de questionar o papel da Geografia no mundo atual e, em particular, a sua pertinência nos programas curriculares dos diversos graus de ensino. Na verdade, e ao contrário do que se poderia pensar, dada a tendencial homogeneização do mundo humano, a importância da Geografia é cada vez maior.

Com efeito, a complexidade do mundo atual, caracterizado pela celeridade da mudança da realidade, exige a formação de indivíduos/ cidadãos capazes de por ele serem interpelados, de o interpretar e analisar criticamente. Somente uma postura crítica poderá antecipar novos cenários, novas necessidades e novas respostas. Atualmente, os programas curriculares de Geografia (Martins *et al.*, 2001; Câmara *et al.*, 2002) propõem uma abordagem multiescalar do espaço geográfico e, a par do desenvolvimento de conteúdos de expressão global, a Geografia promove o conhecimento das realidades regionais e locais.

Para além do mais, a Geografia ensinada na escola libertou-se do seu cariz iminentemente descritivo, dando lugar a uma disciplina promotora da formação de cidadãos geograficamente competentes, que possuam as destrezas espaciais (Martins *et al.*, 2001). Assim sendo, os programas curriculares de Geografia, não descurando a descrição de situações geográficas e a correta utilização de conceitos geográficos, estão orientados para a formação de futuros cidadãos conscientes, críticos, interventivos, fazedores do seu próprio mundo.

É imperioso “na era da informação fácil, descartável, de utilidade e relevância muitas vezes duvidosa” (Oliveira *et al.*, 2005: 74), que os cidadãos desenvolvam competências que lhes permitam depurar a informação que se encontra ao seu dispor. A sala de aula de Geografia, atendendo à natureza dos conteúdos lecionados, é um espaço de aprendizagem privilegiado para o desenvolvimento dessas competências. Nela convergem o conhecimento científico/académico e também o conhecimento informal. Assim, neste domínio, é essencial ter presente que “a cultura produzida neste mundo de tecnologias é repleta de informações geográficas” (Cavalcanti, 2002: 85), passíveis de integram e consolidarem o conhecimento construído em contexto de sala de aula.

Por outro lado, julgamos ser fulcral que se desconstrua a atual visão de um ‘mundo plano’. De facto, para além do fino manto da globaliza-

ção, existem outras realidades, outras geografias, o mundo dos lugares e das regiões subsiste e é importante que se conheça e compreenda. Como refere Dollfus (1998: 75), “a Geografia, no seu aspeto de *ciência das localizações*, tem uma vida longa”. Se, por um lado, somos cidadãos do mundo com todas as vantagens que daí advêm, por outro, é bom não esquecermos o lugar onde acordamos, onde nos movemos, onde interagimos.

Diante da configuração atual da sociedade, caracterizada por diversas mudanças espaço-temporais e epistemológicas, sobretudo pela globalização e pela modernização dos meios de comunicação e conseqüente expansão da tecnologia (Duarte *et al.*, 2014), tornam-se necessárias novas perspectivas metodológicas para o ensino da Geografia, na promoção de uma educação com qualidade, e no sentido de uma adequação, às novas exigências da sociedade. Neste contexto, torna-se urgente que a Geografia se reinvente, é impensável uma educação e um ensino baseados em modelos passados em que, *grosso modo*, o professor assumia o papel de transmissor do conhecimento e o aluno, depositário desse conhecimento, o reproduzia fielmente e de forma acrítica.

Hoje, é necessário que a aprendizagem seja significativa e, para tal, é fundamental ultrapassar a barreira concetual do saber/conhecimento construído, é essencial que professor e o aluno percecionem a aprendizagem como um processo de construção de conhecimentos em que ambos estão envolvidos, trocam conhecimentos numa perspectiva dialogante e interativa. Este novo paradigma exige, à partida, que o professor esteja aberto à integração de conhecimentos/vivências do seu quotidiano nas suas aulas e o assuma, não como um obstáculo epistemológico (como pensava Gaston Bachelar), mas como um alicerce na relação dialógica entre este e o conhecimento sistematizado. Popper (1975) afirmou que toda a ciência e filosofia são senso comum esclarecido, sendo, portanto, o senso comum o ponto de partida. Paralelamente é imprescindível que o professor desenvolva metodologias inovadoras. O conhecimento, o saber, não deve “assasinar” a curiosidade (Morin, 2016), deve sim estimulá-la. O Professor deve consciencializar-se de que o processo de ensino-aprendizagem será efetivo e proveitoso, quando aliar à didática, metodologias de ensino onde o aluno

e o Professor possam partilhar experiências, relacionadas seja com o dia-a-dia na escola, seja com o quotidiano de cada um desses atores. Neste paradigma educacional, é fundamental que o professor promova situações de aprendizagem adequadas às exigências e desafios da sociedade contemporânea.

Na disciplina de Geografia é crucial que o trabalho se desenvolva em torno da interpretação e análise de situações geográficas concretas, de modo a promover a compreensão crítica das intrincadas relações espaciais e a formar cidadãos geograficamente competentes, conhecedores e capazes de compreender e atuar nos espaços onde se movem e que constroem.

Acresce ao anteriormente referido que, conforme afirmam os docentes, a escola vive a concorrência do universo das novas tecnologias no qual os alunos, desde tenra idade, são “enformados”. Na realidade, o espaço de diálogo vivo deu lugar ao diálogo “analógico”, a experiência direta deu lugar à experiência indireta relatada nos ecrãs da televisão, nos monitores dos *tablets*, computadores ou Iphones. É a esta acelerada cadência de imagens e sons que as nossas crianças e jovens estão acostumados. É, pois, essa a concorrência com a qual se deparam a escola e o professor na sua sala de aula, com um conjunto alargado de alunos a quem pede concentração, pensamento, redação. Motivar estes alunos implica, então, usar novas ferramentas, as ferramentas a que estão habituados e que os cativam.

A introdução da música no processo de ensino-aprendizagem da Geografia pretende dar resposta aos novos desafios impostos pelo novo quadro concetual. Com efeito, o uso da música no ensino da Geografia pode romper com esse paradigma educacional e revelar as correlações entre os saberes, a complexidade da vida e os problemas que hoje existem (Morin, 2016). A abordagem e experiência transdisciplinar facultada pela música pode criar novos saberes, novas competências e favorecer uma aproximação com a realidade social, através de leituras diversificadas do espaço geográfico (Ferreira, 2012). Com efeito, a transdisciplinaridade pode contribuir para a formação de indivíduos mais completos em termos de conhecimento, respondendo, como tal, às exigências de uma sociedade em contínua mudança e marcada por profundos contrastes.

2. A utilização da Música no processo de ensino-aprendizagem em Geografia

“(…) a Geografia que se deseja ensinar e aprender precisa de estar sintonizada com as linguagens do atual momento histórico, sem que isso pressuponha desconsiderar totalmente formas de manifestação pretéritas. Isso significa dizer que as linguagens recorrentes no ensino da Geografia como o desenho, o mapa, a narrativa/descrição, os gráficos e as tabelas continuam a ter relevância na análise geográfica, assim como linguagens alternativas, que se encontrem impressas na arte musical, teatral, fílmica, poética, literária, da pintura, dentre outras” (Morais, 2013 citado em Duarte *et al.*, 2014: 4).

A música é um produto cultural e histórico-geográfico. Disso é exemplo paradigmático o *Cante* (alentejano), expressão da relação dialógica, única e irrepetível, entre elementos físicos e humanos presentes na realidade e na paisagem alentejanas. Por conseguinte, “A educação da Geografia através da música proporciona a vivência da linguagem musical como um dos meios de representação do saber construído pela interação intelectual e afetiva do Homem com o meio ambiente, pois a interação natureza-sociedade faz parte do quotidiano de todos os seres do planeta” (Pinheiro *et al.*, 2004 citado em Pereira, 2010: 92).

Segundo Duarte *et al.* (2014: 5) “a linguagem musical afigura-se como uma das múltiplas linguagens” passíveis de serem “usadas no ensino da Geografia, pois está inserida em toda a sociedade, trata-se de uma expressão artística que representa a vida e os sentimentos, que aborda [...] um determinado tempo, cultura, [...] uma ideologia, [...] uma paisagem, enfim, está presente, de forma ativa, no quotidiano da sociedade”.

A música, melodia e texto, permite aceder a um conjunto de informações que transcendem a realidade factual, eleva o conhecimento geográfico também à sua dimensão subjetiva, proporcionando a perceção do espaço vivido, ultrapassando a visão tecnocientífica da realidade geográfica *mainstream*, presente nos programas curriculares e veiculada pelos manuais escolares. Nestas circunstâncias, “a música (som e a letra) pode ser utilizada na problematização do quotidiano e na formação do cidadão de forma mais lúdica e

interativa, tendo em vista a amplitude de abordagens que podem ser identificadas nos diversos géneros musicais” (Pereira, 2012: 140).

Noutro plano, o plano do sucesso nas aprendizagens, a introdução da linguagem musical no processo de ensino-aprendizagem da Geografia permite, desde logo, o estabelecimento de uma relação empática com os conteúdos desenvolvidos, predispondo os alunos para a aprendizagem. Segundo Oliveira *et al.* (2005: 74) “quando a proposta de utilização da música é apresentada aos alunos, a tendência que se observa é a de serem tomados pela curiosidade e ansiedade. A receptividade é quase sempre satisfatória”. Ainda de acordo com o mesmo autor, o recurso à música leva à concentração, abertura e disponibilidade para a aprendizagem por parte dos alunos. Refira-se, neste contexto, que alunos mais motivados, expectantes e com desejo de compreender e aprender conduzem a aulas com diálogos mais ricos, quer a nível de conteúdos quer de análise, proporcionando um maior desenvolvimento de competências. Por outro lado, a integração, sob a orientação do professor, de conhecimentos adquiridos pelos alunos em contextos informais, trazidos do seu quotidiano, das suas vivências, permite que os discentes encarem o conhecimento como algo seu, que se apropriem do processo de construção do conhecimento.

3. Caso Prático: A música ‘Para os braços da minha Mãe’ como ferramenta pedagógica do subdomínio ‘Movimentos Migratórios’

A experiência desenvolvida integrou-se na lecionação dos conteúdos relativos à “Mobilidade da População”, presente no subtema ‘A população: evolução e diferenças regionais’, no qual se pretende que o aluno seja capaz de “relacionar a evolução da população portuguesa, na segunda metade do século XX com a mobilidade da população” (Martins *et al.*, 2001: 27), tendo sido desenvolvida numa turma do 10.º ano de escolaridade. A planificação do processo de ensino-aprendizagem foi construída tendo em consideração o desenvolvimento das competências previstas nos programas curriculares da disciplina (Martins *et al.*, 2001) e das quais destacamos:

- “Utilizar corretamente conceitos geográficos”;
- “Descrever e interpretar situações geográficas”;

- “Identificar situações problemáticas relativas ao espaço geográfico”;
- “Desenvolver a percepção espacial no sentido de uma progressiva apropriação criativa dos espaços de vida”;
- “Participar, através da procura e da apresentação fundamentadas, na resolução de problemas espaciais”;

Ao desenvolver este estudo, pretendeu-se avaliar o impacto da introdução da música no processo de aprendizagem, tendo sido definidos dois grandes objetivos:

- Identificar a eficácia da música como recurso pedagógico no ensino da Geografia, no desenvolvimento do tema “Mobilidade da População”.
- Avaliar o nível de compreensão do conteúdo “Mobilidade da População”, com a utilização da metodologia.

No desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, para além da utilização de instrumentos como gráficos, tabelas e pequenos textos, foi introduzida a peça musical “Para os braços da minha Mãe”, letra e música de Pedro Abrunhosa, que pode ser ouvida, numa primeira fase, e lida, numa fase posterior, depois de facultada aos alunos a referida letra da música.

“Para os braços da minha Mãe” (Letra e Música de Pedro Abrunhosa)

Cheguei ao fundo da estrada, (*movimento, mobilidade*)

Duas léguas de nada,

Não sei que força me mantém.

É tão cinzenta a Alemanha (*destino*)

E a saudade tamanha,

E o verão nunca mais vem. (*provável data de regresso, ainda que temporário*)

Quero ir para casa (*origem*)

Embarcar num golpe de asa,

Pisar a terra em brasa, (*calor humano da família e amigos*)

Que a noite já aí vem.

Quero voltar

Para os braços da minha mãe, (*para o local de origem, para o seu país, para a sua pátria*)

Quero voltar

Para os braços da minha mãe.

Trouxe um pouco de terra, (*elementos de identificação com o território*)

Cheira a pinheiro e a serra, (*elementos de identificação com o território*)

Voam pombas no beiral. (*elementos de identificação com o território*)

Fiz vinte anos no chão, (*população jovem*)

Na noite de Amesterdão, (*destino*)

Comprei amor pelo jornal.

Quero ir para casa

Embarcar num golpe de asa,

Pisar a terra em brasa,

Que a noite já aí vem.

Quero voltar Para os braços da minha mãe,

Quero voltar Para os braços da minha mãe.

Vim em passo de bala, (*situação de desemprego que pode ter despoletado a emigração*)

Um diploma na mala, (*população qualificada*)

Deixei o meu amor p'ra trás. (*afastamento da família e amigos*)

Faz tanto frio em Paris, (*destino*)

Sou já memória e raiz, (*deixou de estar presente*)

Ninguém sai donde tem Paz.

Quero ir para casa

Embarcar num golpe de asa,

Pisar a terra em brasa,

Que a noite já aí vem.

Quero voltar Para os braços da minha mãe,

Quero voltar Para os braços da minha mãe.¹

A exploração/análise da música, melodia e letra foi construída com base em etapas sequenciais, como se pode observar no Quadro I.

Quadro I – Registo das etapas de análise da música e respostas dadas pelos alunos.

Etapas de análise da música:		Respostas dos alunos:
1	Identificação dos sentimentos despertados pela melodia;	Nostalgia, tristeza, melancolia, saudade.
2	Identificação do fenómeno geográfico ilustrado pela música;	Emigração.
3	Caraterização da migração ilustrada pela música; -As condições económico-sociais subjacentes ao fluxo emigratório;	<i>"As condições socioeconómicas em Portugal são desfavoráveis". "Em Portugal, não há futuro para os jovens e eles são obrigados a ir lá para fora". "Há uma crise económica e os jovens não têm emprego".</i>
3.1	-Os países de destino dos emigrantes;	"Alemanha, Amesterdão e Paris", "Alemanha, Holanda e França", "Países Europeus" e "Países ricos da Europa".
3.2	-O perfil do emigrante (idade, género, nível de instrução, situação familiar, situação perante o emprego);	Alguns alunos referiram que se tratava de uma população jovem, dado que na letra se referia "Fiz vinte anos no chão", porém os alunos não conseguiram a partir da letra, identificar o género predominante da população migrante. Questionados sobre o facto, rapidamente disseram que, atualmente migrava população de ambos os sexos, e relataram casos próximos. No que concerne ao nível de instrução, alguns alunos referiram a profissão da população e apenas alguns foram capazes de referir que se tratava de população com um nível de instrução superior, fundamentando o facto no excerto da letra "Um diploma na mala". Quanto à situação familiar, um aluno referiu que se tratavam de indivíduos que partiam sozinhos, sem suporte familiar, referindo que a letra dizia "Deixei o meu amor p'ra trás". No que diz respeito à condição perante o emprego os alunos referiram "São pessoas como o meu primo, é enfermeiro e não tinha emprego!", "São desempregados", "São pessoas que ganham pouco em Portugal e que vão para o estrangeiro à procura de melhores condições de vida".
3.3	-A origem, do ponto de vista espacial, do emigrante;	Neste ponto foram relevados alguns aspetos de interesse, nomeadamente, que em termos da origem dos novos emigrantes, a sua condição era distinta da dos emigrantes das fases da emigração portuguesas anteriores, tendo sido referido que não há um padrão regional de origem e que o único traço comum, no que concerne à origem, é o facto de ser uma população maioritariamente com origem em áreas urbanas.

Como refere Moraes (s/d: 4), "todos nós vivemos em algum lugar, vivemos em espaços e, o tempo todo, estabelecendo trocas com esses lugares, instituindo valores e gerando sentimentos em relação a esse meio (...)". Com efeito, os homens não se encontram e não se movem num espaço abstrato, mas sim num espaço concreto e pessoal. Este espaço, o espaço vivido, é pleno de significado e de valores que geram o sentimento de pertença ou de rejeição e que condicionam o comportamento espacial dos homens e o modo como estes o organizam. E é relevante descobrir a dimensão subjetiva e da experiência pessoal da Geografia, pois todo o espaço se organiza de forma antropocêntrica ou, ainda mais, egocêntrica (Capel, 1981). Assim sendo, é importante que se considere a dimensão simbólica do espaço e se valorize

uma Geografia que proponha um enfoque na percepção e no comportamento espacial e territorial.

O ensino da Geografia, ainda que condicionado pela pressão imposta para o cumprimento dos programas curriculares, não se pode colocar à margem deste olhar subjetivo, simbólico, mas ao mesmo tempo tão único e pessoal, sobre as relações do homem com o espaço. É, pois, crucial que, nas aulas de Geografia, também se motive e desperte a atenção para a dimensão simbólica do espaço, para a dimensão da experiência de cada um, por forma a permitir que os alunos compreendam melhor a complexidade subjacente à organização dos espaços e, simultaneamente, desenvolvam uma percepção espacial no sentido de uma progressiva apropriação criativa dos espaços de vida (Martins *et al.*, 2001).

Este estudo de aplicação da música no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, alertou-nos para o facto de a interpretação realizada por cada aluno ser bastante subjetiva, dependendo efetivamente das suas vivências e conhecimentos, mas todos eles conseguiram adquirir conhecimentos e mais tarde consolidá-los com a construção de uma tabela síntese, indo ao encontro da planificação e das nossas expetativas.

4. Conclusão

A música é motivadora, predispõe à aprendizagem, é um reportório de educação geográfica, permite construir o conhecimento geográfico, revela novas dimensões da realidade geográfica e transmite uma realidade que transcende factos e números. E o seu uso como recurso didático promove a melhoria do aproveitamento na disciplina e, simultaneamente, permite uma formação geográfica mais plena, pois melhora o sentido crítico dos alunos em relação à realidade atual.

O uso da música no processo de ensino-aprendizagem da Geografia permite que o ato de aprender se torne mais próximo dos alunos e, simultaneamente, mais eficaz. A respeito da aula, os alunos mencionaram que a música “*transformou a aula*”, tornou-a mais “*interessante*” e que, por isso, foram “*mais participativos*”. Efetivamente, esta perspetiva foi por nós corroborada.

Neste contexto de aprendizagem, a construção do conhecimento passa essencialmente pelos alunos, assumindo o professor a articulação entre os conteúdos programáticos, a letra e melodia da música e o guião da planificação. A construção do conhecimento centrou-se, deste modo, no aluno, e coube ao professor a posição de mediador do conhecimento.

De facto, a música demonstrou ser um instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem, no sentido em que promoveu a interação e a partilha de saberes e de experiências e estimulou a construção de uma visão crítica das realidades geográficas.

Referências bibliográficas

- CÂMARA, A. C., Ferreira, C., Silva, L., Alves, M. L. & Brazão, M. M. (2002). *Geografia – orientações curriculares 3.º ciclo*. Ministério da Educação; Departamento de Educação Básica; Lisboa.
- CAPEL, H. (1981). *Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea, Una introducción a la Geografía*. Barcelona: Editorial Barcanova – Temas Universitários.
- CAVALCANTI, L. S. (2002). *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa.
- DOLLFUS, O. (1998). *A mundialização*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- DUARTE, G., Sousa, J. G., Silva, A. L., Lacerda, F. (2014). A Contribuição da Música na Construção do Saber Geográfico. In *Anais do VII CBG* (Congresso Brasileiro de Geógrafos). Disponível em http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404310396_ARQUIVO_Acontribuicaodamusicanaconstrucaoedosabergeografico.pdf.
- FERREIRA, M. N. (2012). *A Música como Recurso Didático na Aula de Geografia*. Universidade de Brasília: Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia.
- FRIEDMAN, T. (2010): *O mundo é plano – uma breve história do séc. XXI*. Lisboa: Actual Editora.
- MARTINS, O. S. (Coord.), Alves, M. L. & Brazão, M. M. (2001). *Programa de Geografia A – 10.º e 11.º anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- MORAES, R. (s/d). *O Sentido Formativo da Geografia*. Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Avançados. Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/sentidofortativoeografia.pdf>.

- MORIN, E. (2016). *O verdadeiro papel da educação*. São Paulo: Nova Escola, Disponível em <http://www.fronteras.com/entrevistas/edgar-morin-o-verdadeiro-papel-da-educacao>.
- OLIVEIRA, H., Silva, M., Neto, A., & Vlach, V. (2005). A Música como um Recurso Alternativo nas Práticas Educativas em Geografia: Algumas Reflexões. *Caminhos da Geografia* 8(15), 73-81. Disponível em www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/15389/8688.
- PEREIRA, S. S. (2010). Reflexões sobre a Prática de Ensino e os Recursos Adotados nas Aulas de Geografia: a Utilização da Músicas em Sala de Aula por Professores do Município de Campina Grande. *Geosaberes*, 2(4), 88-99. Disponível em <http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/108/pdf107>.
- PEREIRA, S.S.(2012). A Música no Ensino da Geografia: Abordagem Lúdica do Seminário Nordestino – uma proposta didático-pedagógica. *Geografia Ensino & Pesquisa*, 16(3), 137-148.
- POPPER, K. (1975). *Conhecimento Objetivo*. Belo Horizonte, Editora da Universidade de S. Paulo e Itatiaia Limitada, São Paulo, Brasil.
- VAZ, A. M. C. (2011). *Processos de Desterritorialização e Filiação ao Território – o caso da aldeia da Luz*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.